

E AGORA, JOSÉ? AS POESIAS DE DRUMMOND: 1918-1930

Maria Lucia Mexias-Simon (USS e CiFEFiL)
mmexiassimon@yahoo.com.br

Nos limites do presente trabalho, pretendemos apresentar, comparativamente, três edições da poesia de Drummond, na sua fase 1918-1930. Para tanto, contamos com o guia ótimo constituído pela obra beneditina de Fernando Py, *Bibliografia comentada de Carlos Drummond de Andrade*, 1918-1930.

O trabalho filológico e o de crítica textual não têm encontrado, entre nós, muitos adeptos. É de lamentar que não haja maior número de edições críticas e, até mesmo, de edições mais bem cuidadas dos autores nacionais. Ressentimos, ainda, a falta de maior espaço acadêmico para esses trabalhos, assim como de levantamentos bibliográficos. Por sorte, notam-se, mais recentemente, sinais de interesse pela Filologia e pela Crítica Textual. Quem se dispuser a percorrer esse caminho deve ter em mente as palavras do mestre Silva Bêlkior, quando afirma dever o filólogo “valorizar o que já foi feito... não sendo de esquecer que até os erros cometidos podem trazer lições”, preparando, assim, cuidadosamente, o seu trabalho no estudo dos modelos.

Já o sabíamos, da obra consagrada de Auerbach: “Uma de suas mais antigas formas (da Filologia), a forma, por assim dizer, clássica e que, até hoje, é olhada por muitos dos eruditos como a mais nobre e mais autêntica, é a edição crítica de textos” (1970, p. 11). No mesmo capítulo, afirma-se, também, a necessidade de constituir os textos autênticos, como testemunhos de uma civilização, reconstituí-los, segundo métodos rigorosos, buscando a lição verdadeira. Essa necessidade já se sentia na época helenística, tendo sido intensificada na Itália, a partir do século XIV. A invenção da imprensa e, bem mais tarde, os processos eletrônicos auxiliaram muito na classificação e no estabelecimento da genealogia dos textos. Dessa forma, podem-se rastrear as variantes, optar por uma delas, assinalando-lhe as discordâncias com as outras, discordâncias que podem aparecer por avaria do tempo, “censura”, simples falha humana, ou supercorreção.

Nesse trabalho, o filólogo vale-se de muitos outros especialistas: juristas, historiadores, teólogos, cientistas, filósofos etc.

Justificando tão minucioso trabalho, afirma o mestre Bêlkior: “zelar pela segurança dos textos brasileiros parece-me ser uma tarefa urgente da Filologia de hoje no Brasil”.

A obra de Carlos Drummond de Andrade, por ser tão recente, de autor nosso contemporâneo, não apresenta na sua lição crítica, as mesmas dificuldades, evidentemente, de uma obra de período medieval ou clássico, ou até mesmo, de grandes expoentes românticos.

Trata-se de obra, em grande parte, muitas vezes impressa e re-impressa, muitas vezes revista e, em algumas edições, com observações como: “escolhidos pelo autor”, “organizada pelo autor”, que deveriam autenticar todo o material ali impresso.

Porém, “não há livros sem erros tipográficos, por mais perfeito que seja... o número de erros tipográficos... tende a aumentar com as reedições... daí o aparecimento de uma ciência e técnica de edição de texto, a chamada, modernamente, ecdótica” (HOUAISS, 1967, p. 200).

É preciso, também, lembrar a não distinção que se faz no Brasil entre reedição e reimpressão, sendo aquela muito mais comum por razões econômicas, pois, não se podendo prever o êxito de uma obra, não compensava ao editor guardar as matrizes para uma reimpressão. Uma segunda fundição para nova edição acarretava, ocasionalmente, várias falhas, que iriam se somar às primeiras.

Esse inconveniente foi sendo superado com o uso de matrizes em plástico, fitas magnéticas, microfilmagens e, atualmente, com os computadores.

Nota-se que, nos países de língua inglesa e de língua francesa, faz-se, claramente a diferenciação entre reedição e reimpressão, optando-se, em muitos casos, pela solução das reedições fac-similares, copiadas, hoje, eletronicamente.

Tem-se estabelecido que a melhor edição de uma obra é a última em vida do autor. Isso não só porque o próprio autor pode se encarregar de consertar as falhas gráficas, como também, e, princi-

palmente, porque lhe é facultado, a qualquer momento, retificar, ampliar, ou mesmo retirar os seus dizeres.

A complexidade da ecdótica vai, portanto, do passado ao presente, de autor morto a autor vivo, em crescentes graus de complexidade. Em caso de haver variantes, elege-se, de acordo com critérios estabelecidos, a melhor, *a lição perfeita*.

Para o nosso estudo, usou-se, como já foi dito, a obra de Fernando Py como guia. Essa obra pretendia, inicialmente, ser mais vasta, abrangendo 50 anos da obra éditada e inédita de Drummond (1918 a 1968). A tarefa logo se mostrou inexecutável, dada a fecundidade do autor, com enorme quantidade de inéditos em correspondência particular e publicações em periódicos, não conservados ou de difícil localização. Surgiram, ainda, os problemas de publicação do mesmo trabalho com títulos diversos, ou com texto alterado. Decidiu o autor limitar-se ao período 1918-1930, o que já lhe custou nada menos que quinze anos de pesquisas. A obra está estruturada da seguinte maneira: cada peça é numerada em rigorosa ordem cronológica, recebe uma entrada própria em verbetes, seguindo-se, em grifo, a forma como a obra é assinada. Indica-se, ainda, o gênero a que pertencem a edição e as edições posteriores, se houver. Em alguns verbetes aparecem outros esclarecimentos e remissões, quando se fazem mais necessários.

Vem, a seguir, um capítulo com comentários sobre as diversas edições e uma listagem, de pseudônimos (considerando-se como tais as siglas, abreviações e qualquer forma de assinatura diversa da literatura usual). Em apêndice, aparecem os índices: geral, de títulos e onomástico geral.

No relato cronológico, quando há diversidade quanto à data da obra, prevalece a mais antiga; quando não há data alguma, seguem-se as probabilidades. Para as diversas edições das obras de Drummond, há siglas indicadoras. O índice cronológico abre página ímpar para cada novo ano coberto. Ao fim dessa mais importante parte da obra, o autor esclarece que não citou o poema *Outubro, 1930*, por dúvidas quanto à data em que foi escrito. Na parte referente à edição, o autor menciona o fato de que, no período (18 a 30), Drummond publicou apenas um livro (*Alguma poesia, Bello Horizonte: Pindorama*, 1930), uma coletânea de poemas, aos quais fo-

ram, mais tarde, acrescentados *Outubro (de) 1930* e *Sentimental*, tendo o poema *Fantasia* passado a ter o título *Casamento do céu e do inferno*.

Para a nossa leitura comparada, valemo-nos de três edições bem divulgadas da obra de Drummond:

1º. – *Fazendeiro do ar e poesia até agora*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1955.

2º. – *Antologia poética*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1973.

3º. – *Poesia e prosa*. 5ª ed. 2ª reimpressão. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.

Dessas publicações, aproveitamos, para nosso estudo, apenas quatorze poemas que pertencem à fase 1918-1930, a saber: Poema de sete faces; Infância; Política literária; *Sentimental*; *No meio do caminho*; Igreja; Coração numeroso; Cidadezinha qualquer; Fuga; Sinal de apito; Quadrilha; Família; Romaria; O que fizeram do natal? Para a comparação dos textos, usamos as mesmas siglas que em Fernando Py: **F** para *Fazendeiro do ar e poesia até agora*; **AN** para *Antologia poética* e **OC** para *Poesia e prosa*. Assim, passamos à leitura comparada de alguns poemas da fase em estudo:

Poema de sete faces – Em OC, a acentuação gráfica está atualizada (pela data da edição); os versos “porém meus olhos não perguntam nada” estão incorporados à 3ª estrofe, enquanto nas outras duas edições formam uma estrofe à parte.

Infância – Em OC, a acentuação gráfica está atualizada, pela época da edição.

Política literária – Em OC, a acentuação gráfica está, da mesma forma, atualizada. Nas três edições aparece a dedicatória a Manuel Bandeira.

Sentimental – Não consta em AN. Em OC, atualizou-se a acentuação gráfica pela época. Em F, o último verso ganhou maior espaço interlinear.

No meio do caminho – Talvez o mais comentado e mais traduzido dos poemas de Drummond. As edições concordam, exceto quanto à acentuação gráfica.

Igreja – Em OC, aparece a dedicatória a Wellington Brandão e a acentuação gráfica atualizou-se, pela época. Não consta em AN.

Coração numeroso – Em AN, foi suprimido o 3º. verso “bicos de seios batiam nos bicos de luz estrelas inumeráveis” (censura?). Em F, aparece a grafia “quede”, com acento gráfico, o que não aparece nas outras duas edições. Em OC, atualizou-se a acentuação gráfica, pelas normas da época.

Cidadezinha qualquer – Em F, o verso “devagar... as janelas olham” está incorporado à 2ª estrofe, enquanto em AN encontra-se isolado. Em OC, suprimiram-se aos acentos gráficos de “êta” e “bêsta” (por atualização?).

Fuga – Não consta em AN. Em F, o 5º verso diz: “o poeta faz a mala”, enquanto em OC, aparece “o poeta vai enchendo a mala”. A palavra “Imitação” está em grifo em OC e com aspas em F. A palavra “preto” aparece sem acento nas duas últimas edições, por modernização gráfica.

Sinal de apito – As três edições concordam, exceto quanto à acentuação gráfica, por modernização.

Quadrilha – Em OC, aparece a forma “João foi pra os estados Unidos”, no lugar de “para”, nas outras duas edições. Essa é a única discordância.

Família – Não consta em AN. Em OC, o 11º verso diz: “o gramofone rouco toda noite”, enquanto em F, “o gramofone rouco toda a noite”. Supõe-se que a versão de AC seja a correta, não só pela revisão feita pelo próprio autor, como também pelo próprio contexto do poema, que fala de coisas habituais na situação familiar. Em OC, houve modernização da acentuação.

Romaria – Nas três edições aparece a dedicatória a Milton Campos. Não há discordâncias, salvo quanto à modernização da acentuação gráfica. A falha observada pelo Prof. Silva Bêlkior, na edição Aguilar, 1973, quanto à forma “possui”, diversa de edições anteriores (“pissui”), não aparece nas três edições aqui utilizadas, tendo a edição Aguilar feito a devida volta ao original, desistindo do que foi, talvez, uma supercorreção.

O que fizeram do Natal? – Nesse poema, Silva Bélkior apontou divergência entre o autógrafo de Drummond e a edição Aguilar, 1973. Observamos que, na mesma editora, 1983, aparecem os três versos da questão, um após outro, com repetição do primeiro: “mas as filhas das beatas / e os namorados das filhas / mas as filhas das beatas /...”. Entretanto, o mistério permanece por não haver no autógrafo o verso “e os namorados das filhas”. Esperamos que essa dúvida seja, enfim, esclarecida.

Informamos, ainda, que os poemas confrontados aparecem na ordem em que se encontram em *Fazendeiro do ar e poesia até agora*, apenas por facilidade de manuseio, pois a sequência da edição Aguilar não coincide com o trabalho de Fernando Py e algum ordenamento precisaríamos seguir. Os poemas foram publicados, reunidos a outros trinta e seis, na obra *Alguma poesia*, em 1930, sob o selo imaginário de Edições Pindorama, segundo Fernando Py.

Esperamos que o presente trabalho se complete com pesquisas mais exatas e mais amplas, o que seria apenas um dever de nós brasileiros para com a magnífica obra do poeta patricio, há alguns anos falecido.

REFERÊNCIAS

AUERBACH, E. *Introdução aos estudos literários*. São Paulo: Cultrix, 1970.

BÉLKIOR, Silva. *Importância da pesquisa filológica de textos brasileiros*. Conferência na UFRJ, texto mimeografado.

_____. *Tarefas prioritárias da filologia no Brasil de hoje*. Conferência na UFRJ, texto mimeografado.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Fazendeiro do ar e poesia até agora*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1955.

_____. *Antologia poética*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1973.

_____. *Poesia e prosa*. 5ª ed. 2ª. reimp. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.

HOUAISS, Antonio. *Elementos de bibliologia*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1967.

Py, Fernando. *Bibliografia comentada de Carlos Drummond de Andrade, 1918-1930*. Rio de Janeiro: J. Olympio; Fundação Casa de Rui Barbosa; Brasília: INL, 1980.